

CHARLES H. SPURGEON

CRISTO E EU



Projeto
Spurgeon



Projeto lançado em 2007 por CIBS/IO em parceria com a

C H A R L E S H . S P U R G E O N

CRISTO E EU

Projeto Spurgeon

Proclamando a CRISTO crucificado

Cristo e Eu

“Christus Et Ego”

Nº 781

Sermão pregado na manhã de Domingo,
17 de Novembro de 1867

Por Charles Haddon Spurgeon

No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres.

“Com Cristo estou juntamente crucificado, e já não vivo eu, mas vive Cristo em mim; e o que agora vivo na carne, vivo na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim”. Gálatas 2:20.

Nas grandes cadeias de montanhas, há elevados picos que tocam as nuvens, mas, por outro lado, há, aqui e ali, partes mais baixas da cordilheira que podem ser trafegadas pelos viajantes e que se convertem em estradas nacionais que propiciam o intercâmbio comercial entre as diversas terras. Meu texto se ergue ante minha contemplação como uma majestosa cadeia de montanhas, como uma verdadeira Cordilheira dos Andes por sua altura. Esta manhã não vou

tentar escalar os cumes de sua magnificência; não temos o tempo e tememos que não tenhamos a habilidade para uma obra dessa natureza, mas, até onde minha capacidade permitir, irei guiá-los através de uma ou duas verdades práticas que poderiam ser úteis para nós esta manhã e poderiam nos introduzir aos ensolarados campos da contemplação.

I. Mãos à obra agora. Peço que observem com muito cuidado, em primeiro lugar, A PERSONALIDADE DA RELIGIÃO CRISTÃ *tal como é exibida no texto que vamos analisar*.

Quantos pronomes pessoais da primeira pessoa há neste versículo? Acaso não são oito? Há uma copiosa presença de “*eus*” e “*meus*”. O texto não contém nenhum plural; não menciona ninguém mais, nem uma terceira pessoa situada longe, mas que o apóstolo trata acerca de si mesmo, de sua própria vida interior, de sua própria morte espiritual, do amor de Cristo por *ele* e do grande sacrifício que Cristo realizou por ele. “O qual *me* amou e se entregou por *mim*”. Isso é introdutivo, pois um sinal distintivo da religião cristã é que faz ressaltar a individualidade da pessoa. Não nos faz egoístas, pelo contrário, cura- nos desse mal, mas com tudo isso, manifesta em nós uma identidade mediante a qual nos tornamos conscientes, de maneira eminente, de nossa individualidade pessoal. Nos céus noturnos se tinha observado há muito tempo brilhantes massas de luz; os astrônomos as chamaram de “nebulosas”; supunham que eram depó-

sitos de matéria caótica disforme, até que o telescópio de Herschell¹ as identificou como distintas estrelas. O que fez o telescópio com as estrelas, a religião de Cristo faz com os homens, quando a recebem em seus corações. Os homens se consideram como fundidos com a raça, ou submersos na comunidade, ou absorvidos pela humanidade universal; têm uma ideia muito confusa acerca de suas obrigações independentes para com Deus e de suas relações pessoais para com seu governo, mas o Evangelho, como telescópio, isola o homem frente a si mesmo, faz com que se veja como uma existência separada, e o obriga a meditar sobre seu próprio pecado, sobre sua própria salvação e sua própria condenação pessoal, a menos que seja salvo pela graça. No caminho espaçoso há tantos viajantes, que se vocês lançarem um olhar sobre ele como voo de pássaro, parecerá estar cheio de uma vasta multidão de homens que avança em desordem; mas no caminho estreito que conduz à vida eterna, cada viajante é único; atrai sua atenção; é um homem devidamente identificado. Tendo que ir contra a corrente geral dos tempos, o crente é um indivíduo sobre o qual se pousam olhos observantes. É um indivíduo distinto tanto para ele mesmo quanto para o resto dos de sua classe.

Verá muito facilmente como a religião de Jesus Cristo faz com que se destaque a individualidade de um homem *desde seu alvorecer*; revela-lhe seu próprio pecado pessoal e o

¹ **John Herschel.** Filho do astrônomo William Herschel. Herschel originou o uso do sistema juliano na astronomia. Nomeou sete luas de Saturno e quatro luas de Urano.

consequente perigo. Você não sabe nada sobre a conversão se crê meramente na depravação humana e na ruína humana, mas nunca sentiu que *you* é depravado, e que *you* mesmo está arruinado. Por cima de todas as calamidades gerais da raça, haverá um infortúnio particular que é de *sua propriedade*. Se é que o Espírito Santo lhe convenceu do pecado; você clamará igual àquele profeta de Jerusalém de voz suplicante nos dias do sítio: “*Ai de mim!*”; sentirá como se as flechas de Deus estivessem apontando principalmente para você, e como se as maldições da lei fossem cair seguramente sobre você se não caírem sobre ninguém mais. Certamente, querido ouvinte, você não sabe nada sobre a salvação a menos que tenha *olhado pessoalmente, com seus próprios olhos, para Jesus Cristo*. Você tem que receber pessoalmente o Senhor Jesus Cristo, nos braços de sua fé e no peito do seu amor; e, se você não tem confiado no Crucificado, enquanto tem ficado só em contemplação aos pés da cruz, então você não tem crido para a vida eterna.

Logo, como consequência de uma fé pessoal e individual, o crente goza de *uma paz pessoal*; ele sente que se toda terra estivesse pegando em armas, ele ainda encontraria repouso em Cristo, e esse repouso é peculiarmente seu, independentemente de seus companheiros. Você pode falar dessa paz em outros, mas não pode comunicá-la; outros não podem dá-la, nem podem tirá-la. Onde quer que a religião cristã esteja verdadeiramente na alma, logo conduz a *uma consagração pessoal a Deus*. O homem se aproxima

ma do altar de Cristo e exclama; “eis-me aqui; Oh, Senhor supremamente glorioso, eu sinto que meu culto racional é dar-Te espírito, alma e corpo. Que outros façam o que quiserem, mas eu e minha casa serviremos ao SENHOR Jehová”. O homem regenerado sente que a obra de outros não o exonera do serviço, e a fraqueza geral da igreja cristã não pode ser uma desculpa para sua própria indiferença. Ele se destaca na luta contra o erro inclusive como um protestante solitário, se fosse necessário, como Atanásio, que clamava: “eu, Atanásio, contra o mundo inteiro”; ou trabalha para Deus na edificação de Jerusalém, como Neemias, contentando-se com trabalhar só se outros não querem ajudá-lo. Descobriu que estava pessoalmente perdido, e que foi salvo pessoalmente, e agora sua oração é: “Senhor, mostra-me o que queres que *eu* faça; aqui estou *eu*, envia-me”. Eu creio que na medida em que nossa piedade esteja definitivamente na primeira pessoa do singular será forte e vigorosa.

Ademais, creio que na medida em que compreendamos plenamente nossa responsabilidade pessoal para com Deus, será mais provável que a cumpramos; mas se não a temos entendido realmente, é muito provável que sonhemos em trabalhar para Deus mediante uma autoridade, em pagar ao sacerdote ou ao ministro para que nos sejam úteis, e que atuemos como se pudéssemos transladar a responsabilidade de nossos próprios ombros às costas de uma sociedade ou de uma igreja. Desde seu alvorecer até sua glória do meio-dia, a personalidade da verdadeira piedade é su-

mamente observável. Todo o ensinamento de nossa santa fé leva para essa direção. Nós pregamos a eleição pessoal, o chamado pessoal, a regeneração pessoal, a perseverança pessoal, a santidade pessoal, e não conhecemos nenhuma obra da graça que não seja pessoal para aquele que a professa. Não há nenhuma doutrina na Escritura que ensine que o homem pode ser salvo pela piedade de outro. Eu não pude descobrir nada parecido à salvação por patrocínio, exceto no único caso do patrocínio do Senhor Jesus Cristo. Não encontro nenhum ser humano colocado no lugar de outro para ser capaz de tomar a carga de pecado do outro, ou realizar o dever de alguém mais. Eu encontro, na verdade, que devemos levar as cargas uns dos outros com respeito à simpatia, mas não no sentido da substituição. Cada ser humano tem de levar sua própria carga, e tem de dar conta de si mesmo ante Deus.

Ademais, *as ordenanças da religião cristã nos dizem o mesmo*. Quando o homem é sepultado com Cristo, por exemplo, pelo ato público do batismo, não pode estar morto por outro ou ser sepultado por outro, nem pode ressuscitar no lugar de outro. Dá-se o ato pessoal de imersão para manifestar nossa morte pessoal para o mundo, nosso pessoal enterro com Cristo e nossa ressurreição pessoal com Ele. Assim também, na Ceia do Senhor, o ato individual de cada pessoa que come e bebe por si mesma, declara de maneira muito manifesta que nos apresentamos como indivíduos diante do Senhor, nosso Deus, em nosso vínculo

com o Senhor Jesus Cristo. Agora, eu creio sinceramente que nada deve destruir, jamais, o efeito dessa verdade em nossas mentes. É uma verdade tão simples que, quando a enuncio, vocês se perguntarão, talvez, porque a repito com tanta frequência; mas, simples como é, está sendo esquecida frequentemente. Quantos membros da igreja se escondem atrás da vigorosa ação da comunidade inteira! A igreja vai crescendo, a igreja abre escolas, a igreja edifica novas casas de oração, e então o membro da igreja se sente lisonjeado porque *ele* está fazendo algo, quando na realidade esse mesmo indivíduo poderia não ter feito absolutamente nada mediante suas contribuições ou suas orações ou seus ensinamentos pessoais. Oh, ocioso membro da igreja, eu lhe suplico, sacuda-se do seu pó; não seja tão infame para apropriar-se dos trabalhos de outras pessoas. Diante do seu próprio Senhor, você se sustentará ou cairá sobre seu próprio serviço individual ou sua negligência individual, e se você não produzir nenhum fruto por si mesmo, todo o fruto dos outros ramos não lhe servirá de nada. *“Toda árvore que não dá bom fruto é cortada e jogado no fogo”*. *“Todo galho que em mim não produz fruto será tirado”*.

É muito comum, também, que as pessoas se escondam por trás de uma sociedade. Uma pequena contribuição anual tem sido, com frequência, um manto para uma indiferença crassa com respeito ao santo esforço. A alguém mais se paga para que seja um missionário e desempenhe seu trabalho de missão; é esse o caminho do Senhor? É essa a sen-

da da obediência? Acaso o Senhor não me diz: “*Como me enviou o Pai, assim também eu os envio?*” Agora notem, o Pai não enviou Cristo para que procurasse um delegado e fosse um Redentor nominal, mas que Jesus se entregou a si mesmo por nós em um serviço e um sacrifício pessoal; de igual maneira, Jesus nos envia para que soframos e sirvamos. Está bem apoiar o ministro; está bom pagar ao missionário local para que possa dedicar seu tempo a essa obra necessária, está bem ajudar à mulher que distribui Bíblias para que possa ir de casa em casa, mas, lembrem-se de que quando todas as sociedades tenham feito tudo o que é possível, vocês não podem se exonerar do seu chamado pessoal, e sem importar quão grandes puderam ser suas contribuições para ajudar a outros a servir o Senhor, não podem se liberar, em seu nome, de uma só partícula do que você deve pessoalmente ao seu Senhor. Permitam lhes suplicar, irmãos e irmãs, que se vocês alguma vez se esconderam atrás do trabalho de outros, compareçam em seu próprio caráter, e lembrem que diante de Deus tem de ser avaliados pelo que *vocês sentem, pelo que vocês conhecem, pelo que vocês têm aprendido e pelo o que vocês têm feito.*

A pior forma deste mal é quando as pessoas, às vezes, imaginam que a piedade familiar e a religião nacional podem estar disponíveis no *lugar do arrependimento e da fé individual*. Absurdo como poderia parecer, é algo muito comum que as pessoas digam: “Oh, sim, todos nós somos cristãos. É evidente que todos somos cristãos; todo inglês é

cristão. Nós não pertencemos aos brâmanes ou aos muçulmanos; todos somos cristãos”. Que mentira mais absurda que um homem pode inventar? É cristão um homem por viver na Inglaterra? Acaso uma ratazana é um cavalo porque vive em um estábulo? Esse é um raciocínio tão bom quanto. Um indivíduo deve nascer de novo, ou não é um filho de Deus. Um indivíduo deve ter uma fé viva no Senhor Jesus Cristo, ou do contrário não é nenhum cristão, e nada faz senão escarnecer do nome de cristão quando o assume sem ter parte nem sorte nesse assunto.

Outros dizem: “minha mãe e meu pai professaram sempre essa religião, e portanto, eu estou obrigado a fazer o mesmo”. É um glorioso raciocínio apropriado, certamente, para os idiotas! Vocês nunca ouviram acerca daquele antigo monarca pagão que professava a conversão, e que estava a ponto de entrar na fonte batismal, quando, voltando-se para onde estava o bispo, perguntou: “Para onde foi meu pai quando morreu, antes da sua religião chegar aqui, e onde foi seu pai e todos os reis que foram antes de mim que adoraram a Odin e a Thor? Para onde foram quando morreram? Diga-me imediatamente”! O bispo balançou a cabeça, pareceu muito triste e disse que temia que eles tivessem ido para um lugar muito tenebroso. “Ah, então” – disse ele – “eu não quero ficar separado deles”. Voltou e seguiu sendo um pagão sem o batismo. Vocês supõem que esta loucura acabou na era do obscurantismo? Sobrevive e prolifera no presente. Conhecemos pessoas que se impressionaram

com o Evangelho, que, não obstante, apegaram-se às falsas esperanças da superstição ou do mérito humano, e se têm desculpado dizendo: “Olha, eu fui educado desta maneira”. Pensa um homem que porque sua mãe foi pobre, ou seu pai foi um indigente, que ele mesmo tem que seguir sendo um mendigo? Se meu progenitor foi um cego, estou obrigado a jogar meus próprios olhos fora para ser como ele? Não, mas se contemplei a luz da verdade de Jesus Cristo, devo segui-la e não hei de ser desorientado pela ideia de que a superstição hereditária é menos perigosa ou errônea, porque uma dúzia de gerações foram enganadas por ela. Você tem que se apresentar diante de Deus, meu querido amigo, com seus próprios pés, e nem mãe nem pai podem tomar o seu lugar, portanto, julgue por si mesmo; busque a vida eterna; levante seus olhos para a cruz de Cristo pessoalmente, e que seja seu sério empenho que você mesmo seja capaz de dizer: “Ele *me* amou e se entregou por *mim*”.

Todos nascemos sozinhos; viemos a esse mundo como tristes peregrinos para percorrer uma trilha que unicamente nossos próprios pés podem percorrer. Em grande medida, vamos sozinhos pelo mundo, pois todos os nossos companheiros são apenas barcos que navegam ao nosso lado, barcos diferentes que levam, cada um deles, sua própria bandeira. Ninguém pode mergulhar na profundidade de nossos corações. Há armários na alcova da alma que ninguém pode abrir senão a própria pessoa. Temos que morrer sós; os amigos podem rodear o leito, mas o espírito que

parte tem de alçar voo sozinho. Não vamos ouvir as pisadas de milhares conforme desçamos ao negro rio; seremos viajantes solitários ao nos adentrar na terra ignota. Esperamos nos apresentar diante do tribunal em meio a uma grande assembleia, mas ainda para ser julgados como se ninguém mais estivesse ali. Se toda essa multidão é condenada, e nós estamos em Cristo, seremos salvos, e se todos eles forem salvos, e nós encontrados em falta, seremos descartados. Cada um de nós será colocado só nas balanças. Há um cadinho para cada lingote de ouro, um forno para cada barra de prata. Na ressurreição, cada semente receberá seu próprio corpo. Haverá uma individualidade no corpo do ressuscitado naquele dia de prodígios, uma individualidade extremamente marcada e manifesta. Se eu sou condenado ao final, ninguém pode ser condenado pelo meu espírito; nenhuma alma pode entrar nas câmaras de fogo em meu nome para suportar por mim a indizível angústia. E, bendita esperança, se sou salvo, serei *eu* quem verá o Rei em sua formosura; *meus* olhos o verão, e não outro em meu lugar. Os gozos do céu não serão gozos através de um substituto, mas os desfrutes pessoais daqueles que tiveram uma união pessoal com Cristo. Todos vocês sabem disso, e portanto, eu lhes rogo que permitam que essa importante verdade permaneça com vocês. Nenhum homem sensato pensa que outro pode comer por ele ou beber por ele, ou se vestir por ele, dormir por ele ou acordar por ele. Ninguém está contente hoje em dia com o fato de que alguém mais possua dinheiro

por ele, ou que possua uma propriedade por ele; os homens anseiam possuir eles mesmos as riquezas; desejam ser felizes pessoalmente, ser reconhecidos pessoalmente; não lhes importa que as boas coisas desta vida sejam só nominalmente deles, enquanto outros homens se aproveitam das coisas reais; eles desejam ter um domínio real e um controle de todos os bens temporais. Oh, não façamos papel de tolos com as coisas eternas, mas desejemos ter um interesse pessoal por Cristo, e logo aspiraremos dar a Ele, que merece tanto, nosso serviço pessoal, entregando espírito, alma e corpo à Sua causa.

II. Em segundo lugar, nosso texto de forma muito clara, NOS ENSINA O ENTRELAÇAMENTO DE NOSSA PRÓPRIA PERSONALIDADE COM A DE JESUS CRISTO.

Leiam o texto de novo: “*Com Cristo estou juntamente crucificado, e já não vivo eu, mas Cristo que vive em mim; e o que agora vivo na carne, vivo na fé do Filho de Deus, aquele que me amou e se entregou por mim*”. Aí está o homem, mas aí está o Filho de Deus de maneira conspícua, e as duas personalidades estão singularmente entrelaçadas. Parece que vejo duas árvores à minha frente. São plantas individuais que crescem uma junto à outra, mas ao analisar sua parte inferior, observo que as raízes estão tão entrelaçadas e entrecruzadas que ninguém pode separar as árvores individualmente e atribuir os membros de cada uma a sua própria unidade. Assim são Cristo e o crente. Parece que

vejo diante de mim uma videira. Para lá está um ramo, único e perfeito como um galho; não há de ser confundido com nenhum outro; é um galho – um galho inteiro e perfeito – e, sem dúvida, quão perfeitamente unido está ao tronco, e quão completamente fundida à videira da qual é um membro! Agora notem, o mesmo sucede ao crente em Cristo.

Houve um progenitor que lançou sua sombra através de nossa senda, e de cuja influência não podemos escapar nunca. De todos os demais homens poderíamos escapar e declarar estarmos separados, mas este homem em particular era parte de nós mesmos, e nós parte dele: se trata do primeiro Adão, em seu estado caído; estamos caídos nele, e estamos desfeitos em sua ruína. E agora, glória seja a Deus, como a sombra do primeiro homem tem sido suprimida em nós, aparece um segundo homem, o Senhor do céu; e através de nossa senda se derrama a luz de Sua glória e de Sua excelência, da qual também, bendito seja Deus, nós, os que cremos Nele, não podemos escapar; na luz deste homem – o segundo Adão, a cabeça federal celestial de todo Seu povo – em Sua luz nos regozijamos. Entrelaçadas com nossa história e personalidade estão a história e a personalidade do homem Jesus Cristo, e nós somos um com Ele para sempre.

Observem os pontos de contato. Primeiro Paulo diz: “*Com Cristo estou juntamente crucificado*”; o que pretende dizer? Pretende dizer muitíssimas coisas mais do que poderia mencionar esta manhã; mas, brevemente, pretendo dizer

isto: que ele acreditava *na representação de Cristo na cruz*; mantinha que, quando Jesus Cristo foi cravado na cruz, não pendeu de lá como uma pessoa privada, mas como o representante de Seu povo escolhido. Assim como o representante de um distrito na Câmara dos Comuns não vota só por si mesmo, mas em nome do distrito que o enviou ao Parlamento, assim o Senhor Jesus Cristo, no que fez, atuou como o grande representante público, e a morte de Jesus Cristo na cruz foi a morte virtual de todo o Seu povo. Então, todos os seus santos restituíram à justiça o que era devido e fizeram uma expiação por todos os seus pecados ante a vingança divina. *“Com Cristo estou juntamente crucificado”*. O apóstolo dos gentios se deleitava pensando que como um membro do povo escolhido de Cristo, ele morreu na cruz em Cristo. Fez algo mais que crer nisso doutrinalmente, pois o aceitou confiadamente, depositando sua esperança nisso. Acreditava que em virtude da morte em Cristo, ele mesmo havia pago à lei o que devia, que havia satisfeito à justiça divina, e que havia encontrado a reconciliação com Deus.

Amados, quão bendito é quando a alma pode, por dizer assim, estender-se sobre a cruz de Cristo e sentir: “estou morto; a lei me matou, maldisse-me, imolou-me e, portanto, sou livre do seu poder porque em minha Fiança levei a maldição, e na pessoa de meu Substituto foi executado contra mim tudo o que a lei podia fazer como condenação, pois estou crucificado com Cristo”.

Oh! Quão bendito é quando a cruz de Cristo é posta sobre nós: como nos ressuscita! Assim como o ancião profeta subiu e se estendeu sobre o menino morto, pondo sua boca sobre a boca dele, e suas mãos sobre as mãos suas, e seus pés sobre os pés do menino, e logo o menino ressuscitou, do mesmo modo quando a cruz é posta sobre minha alma, infunde-me vida, poder, calor e consolo. A união com o Salvador sangrento e sofredor e a fé no mérito do Redentor, são coisas que reanimam a alma. Oh! Que tivéssemos mais gozo dessas coisas!

Paulo quis dizer, ainda, algo mais que isso. Não somente acreditava na morte de Cristo e confiava nela, mas que efetivamente sentia em sua pessoa o seu poder, o qual gerava a crucificação de sua velha natureza corrupta. Se você se concebe como um homem executado, de imediato percebe que sendo executado pela lei, a lei não tem nenhuma reclamação adicional sobre você; você resolve, ademais, que tendo provado uma vez a maldição do pecado pela sentença ditada sobre você, não cairá novamente nessa mesma ofensa, mas a partir de agora, sendo liberado milagrosamente da morte à que a lei lhe levou, viverá em vida nova. Deve sentir isso se sente devidamente. Assim Paulo se via como um criminoso sobre o qual a sentença da lei já havia sido cumprida. Quando via os prazeres do pecado, dizia: “não posso desfrutá-los; estou morto para eles. Uma vez tive uma vida na qual os pecados eram doces para mim, mas essa vida foi crucificada com Cristo; por conseguinte, como um morto não pode ter

nenhum deleite nos gozos que uma vez foram deleites para ele, tampouco posso ter eu”. Quando Paulo olhava as coisas carnis do mundo, dizia: “antes eu permitia que essas coisas reinassem sobre mim. ‘Que comerei? Que beberei? E com o que me vestirei?’ Essas coisas constituíam uma trindade de perguntas de suprema importância; agora não têm nenhuma importância, porque estou morto para essas coisas; eu deixo para Deus as preocupações com respeito a elas; não são minha vida; estou crucificado para elas”. Seja qual for a paixão, o motivo, o desígnio que possam vir à nossa mente, que não seja a cruz de Cristo, deveríamos exclamar: “Longe está de mim gloriar-me em alguma dessas coisas; eu sou um homem morto. Vamos, mundo, com toda a sua bruxaria; vamos, prazer, com todos os seus encantos; vamos, riqueza, com todas as suas tentações; vamos, todos vocês, tentadores que têm seduzido a tantos; que podem fazer com um homem crucificado? Como podem tentar a um que está morto para vocês?”. Agora, é um bendito estado mental quando um homem pode sentir que por haver recebido a Cristo ele é como alguém que está completamente morto para este mundo. Nem entrega sua fortaleza aos seus propósitos, nem sua alma aos seus costumes, nem seu juízo às suas máximas, nem seu coração aos seus afetos, pois é um homem crucificado através de Jesus Cristo; o mundo foi crucificado para ele, e ele para o mundo. Isso foi o que quis dizer o apóstolo.

Notem, em continuação, outro ponto de contato. Paulo disse: “*Contudo vivo*”, mas logo corrige a si mesmo: “e

já não vivo eu, mas Cristo que vive em mim”. Vejam vocês o estado morto de um crente: está surdo, mudo, cego e sem sentimento quanto ao mundo pecador, e não obstante, acrescenta: “*Contudo vivo*”. Explica qual é a sua vida: sua vida é produzida nele em virtude de que Cristo está nele e ele está em Cristo. Jesus é a fonte da vida do cristão. A “alma” da videira vive inclusive nos minúsculos raminhos. Não importa quão diminuto possa ser o nervo, o especialista na anatomia dirá que a vida cerebral palpita na extremidade mais distante. O mesmo acontece em cada cristão; ainda que o cristão possa ser insignificante, e possua pouca graça, contudo, se é verdadeiramente um crente, Jesus vive nele. A vida que mantém em existência sua fé, sua esperança e seu amor, provêm de Jesus Cristo e unicamente Dele. Nós cessaríamos de ser santos viventes se não recebêssemos diariamente uma graça proveniente de nossa Cabeça da Aliança. Como a força da nossa vida vem do Filho de Deus, então Ele é o governador e o poder matriz em nosso interior. Como pode ser cristão alguém que é governado por qualquer coisa que não seja Cristo? Se chama Cristo “Mestre e Senhor”, você tem que ser Seu servo; tampouco pode render obediência a nenhum poder rival, pois ninguém pode servir a dois senhores. Tem que haver um espírito orientador no coração, e a menos que Jesus Cristo seja para nós esse espírito que orienta, não somos salvos de todo. A vida do cristão é uma vida que brota de Cristo, e é controlada por sua vontade.

Amados, sabem algo a respeito disso? Temo que é uma conversa insossa para vocês a menos que a sintam. Tem sido sua vida assim durante a semana passada? Tem sido a vida que vocês viveram de Cristo vivendo em vocês? Tem sido essa vida como um livro impresso com letras claras, no qual os homens poderiam ler uma nova edição da vida de Jesus Cristo? Um cristão deveria ser uma fotografia vivente do Senhor Jesus Cristo, ser uma impactante semelhança do seu Senhor. Quando os homens o olham deveriam ver não só o que é o cristão, mas o que é o Senhor do cristão, pois deveria ser como seu Senhor. Você tem visto alguma vez ou tem sabido que no interior da sua alma Cristo olha por seus olhos para os pobres pecadores e considera como poderia ajudá-los; que Cristo palpita em seu coração, sentindo pelos que perecem, tremendo por aqueles que não querem tremer por eles mesmos? Vocês sentem alguma vez que Cristo abre as suas mãos em generosa caridade para ajudar os que não podem ajudar a si mesmos? Sentiram alguma vez que algo diferente de você mesmo estava em você, um espírito que algumas vezes luta consigo mesmo, e o agarra pela garganta e ameaça destruir seu egoísmo pecaminoso; um espírito nobre que põe seu pé sobre o peito da ganância, um espírito valente que leva ao solo o seu orgulho, um espírito ativo e fervente que queima sua ociosidade? Você nunca sentiu isso? Certamente nós que vivemos para Deus sentimos a vida de Deus em nosso interior e desejamos ser submetidos cada vez mais ao espírito dominante de Cristo, para que

nossa humanidade possa ser um palácio para o Bem Amado. Isso é outro ponto de contato.

Prosseguindo, o apóstolo diz, e eu espero que mantenham abertas suas Bíblias para ler o texto: *“E o que agora vivo na carne, vivo na fé do Filho de Deus”*. A vida do cristão deve ser em cada momento uma vida de fé. Cometemos um erro quando procuramos caminhar guiados pelo sentimento ou pela vista. Sonhei outra noite, enquanto meditava na vida do crente, que ia percorrendo um caminho que um chamado divino me havia indicado. A trilha estabelecida que eu estava sendo chamado a percorrer se estendia em meio a uma densa escuridão e estava desprovida por completo de algum raio de luz. Quando me encontrava submerso na espantosa escuridão, incapaz de perceber nem uma só polegada diante de mim, ouvi uma voz que me dizia: *“segue caminhando. Não temas, antes, avança no nome de Deus”*. Assim, prossegui meu caminho, apoiando temerosamente primeiro um pé e logo o outro. Depois de um breve lapso a trilha perdida na escuridão tornou-se fácil e clara, pelo uso e experiência; foi então que percebi que a trilha se retorcia; não tinha escolha, e me esforçava para proceder como havia feito antes; o caminho era agora tortuoso e a senda áspera e pedregosa; mas eu lembrei o que havia sido dito a mim, que precisava avançar como pudesse, assim, segui adiante. Então, veio outro desvio, e logo outro, e outro, e outro, e eu me perguntava por que, até que entendi que se a trama do caminho continuasse sendo a mesma constantemente, acostumar-me-ia a

ela, e então caminharia guiado pelo sentimento; e aprendi que a totalidade do caminho seria sempre de tal maneira como para forçar-me a depender da voz condutora e a exercer a fé no Invisível que me havia chamado. Logo me pareceu como se não houvesse nada debaixo do meu pé quando o firmei; contudo, adiantei-o na escuridão, em um confiante atrevimento, e aqui, consegui dar um passo firme, e outro, e outro, enquanto descia por uma escada que baixava cada vez mais verticalmente. Prossegui, sem poder ver nem uma polegada diante de mim, mas crendo que tudo estava bem, ainda que eu pudesse ouvir ao meu redor a estrepitosa queda de homens e mulheres que andavam guiados pela luz de suas próprias lanternas, e que haviam perdido pé. Ouvi os gritos e os alaridos de homens no momento de cair dessa horrenda escada; mas eu tinha ordens de seguir adiante, e segui diretamente até adiante, resoluto a ser obediente ainda se o caminho descesse até o mais profundo inferno.

Logo, a horrenda escada chegou ao fim, e encontrei uma sólida rocha debaixo de meus pés, e caminhei de frente sobre uma calçada elevada com uma balaustrada em ambos os lados. Entendi que isso era a experiência que havia acumulado, que agora podia me guiar e me ajudar, e eu apoiei-me sobre essa balaustrada e segui caminhando, confiantemente, até que, em um instante, minha calçada elevada acabou e meus pés se afundaram na lama, e quanto aos meus outros consolos, buscava-os tateando, mas haviam desaparecido, pois ainda devia saber que tinha que seguir dependendo do

meu invisível Amigo, e o caminho seria sempre de tal maneira que nenhuma experiência poderia substituir minha dependência de Deus. Seguindo adiante, sumi no lodo e em uma imundície com um humo sufocante e um odor como de umidade de morte, pois era o caminho, e se me havia ordenado que o percorresse. Novamente a senda mudou, ainda que meia noite; a senda subia, e seguia subindo, e subindo, e subindo, sem nada nela onde pudesse me apoiar; ascendi desfalecente inumeráveis escadas, nenhuma das quais era visível, ainda que o simples pensamento de sua altura pudesse fazer com que o cérebro vacilasse. Imediatamente, irrompeu a luz – quando despertei do meu sonho – e vendo-o desde o alto, vi que tudo era seguro, mas que era um caminho tal que se eu o tivesse visto, não teria podido percorrê-lo jamais. Só na escuridão eu teria podido realizar minha misteriosa travessia; só com uma confiança infantil no Senhor. O Senhor nos guia se estamos dispostos a fazer simplesmente o que Ele nos pedir. Apoiem-se Nele, então. Pintei um pobre quadro, mas ainda assim é um que, se vocês se derem conta, é grandioso para ser contemplado.

Caminhar em frente, crendo em Cristo a cada instante, crendo que os pecados de vocês são perdoados ainda quando sua negrura, crendo que estão seguros, mesmo quando parecer que estão no maior perigo, crendo que estão glorificados com Cristo, quando sentem como se fossem encontrados fora da presença de Deus, esta é a vida da fé.

Ademais, Paulo nota outros pontos de unidade. “*O qual me amou*”. Bendito seja Deus porque antes que os montes alçassem seus picos coroados de neve até as nuvens, Cristo havia posto Seu coração em nós. Suas “*delícias eram com os filhos dos homens*”. Em Seu “*livro estavam escritas todas aquelas coisas que foram formadas, sem faltar uma delas*”. Crente, sujeite-se à preciosa verdade que Cristo o amou eternamente; o todo glorioso Filho de Deus o escolheu, e o desposou, para que pudesse ser sua esposa por toda a eternidade. Temos aqui uma bendita união em verdade.

Observem o que segue: “*e entregou a si mesmo por mim*”; não só deu tudo o que tinha, mas entregou a si mesmo; não deixou simplesmente de lado Sua glória, Seu esplendor e Sua vida, mas entregou Sua própria pessoa. Oh, herdeiro do céu, Jesus é seu neste momento. Havendo se entregado uma vez por você sobre o madeiro para quitar seu pecado, entrega-se a você neste momento para ser sua vida, sua coroa, seu gozo, sua porção, seu todo em tudo. Você descobriu que é uma personalidade única, e uma individualidade, mas essa personalidade está ligada com a pessoa de Cristo Jesus de maneira que você está em Cristo e Cristo está em você; por uma bendita união indissolúvel, vocês estão entrelaçados pelos séculos dos séculos.

III. Por último, o texto descreve A VIDA RESULTANTE DESTA PERSONALIDADE AMALGAMADA.

Se tiverem paciência comigo, serei tão breve quanto puder enquanto reviso o texto de novo, palavra por palavra. Irmãos, quando um homem descobre e se reconhece ligado a Cristo, sua vida é completamente *uma nova vida*. Eu deduzo isso da expressão: “*com Cristo estou juntamente crucificado, e já não vivo eu, é Cristo que vive em mim*”. Crucificado, então morto; crucificado, então a velha vida é eliminada; qualquer vida que um crucificado tem deve ser uma nova vida. O mesmo acontece com você. Crente, sobre sua velha vida foi pronunciada a sentença de morte. A mente carnal, que é inimizada contra Deus, está condenada à morte. Você pode dizer: “*morro diariamente*”. Oxalá que a velha natureza estivesse completamente morta. Mas a vida que você tem não lhe foi dada senão até que entrasse em união com Cristo. É algo novo, tão novo como se houvesse morto realmente e houvesse apodrecido na tumba e logo tivesse levantado ao soar da trombeta para viver de novo. Você recebeu uma vida do alto, uma vida que o Espírito Santo operou em você na regeneração. O que é nascido da carne, carne é, mas sua vida de graça não provém de você mesmo; você nasceu de novo do alto.

Sua vida é *extremamente estranha*: “Fui crucificado, no entanto, vivo”. Que contradição! A vida do cristão é um enigma sem par. Nenhum mundano pode compreendê-la; inclu-

sive o próprio crente não pode entendê-la. Ele a conhece, mas sente que resolver todos os seus enigmas é uma tarefa impossível. Morto, mas vivo; crucificado com Cristo, e não obstante, ao mesmo tempo ressuscitado com Cristo em uma vida nova! Não espere que o mundo o entenda, cristão, pois não entendeu o seu Senhor. Quando suas ações são tergiversadas e seus motivos ridicularizados, não se surpreenda. *“Se fosses deste mundo, o mundo amaria o que é seu; mas porque não é deste mundo, antes eu os escolhi do mundo, por isso o mundo os aborrece”*. Se pertencesse à aldeia, os cachorros não latiriam para você. Se os homens pudessem ler você, não se surpreenderiam; é devido a você estar escrito numa língua celestial que os homens não lhe podem compreender e pensam que você não vale nada. Sua vida é nova; sua vida é diferente.

Esta vida maravilhosa, resultante na mescla da personalidade do Filho de Deus e do crente, *é uma vida verdadeira*. Isto é expresso no texto, “No entanto, vivo”, sim, vivo como nunca antes vivi. Quando o apóstolo se declara morto para o mundo, não queria que imaginássemos que estava morto no sentido mais elevado ou melhor; não, vivia com uma nova força e vigor vitais. Irmãos, quando abri os olhos ao conhecimento de Cristo, parecia-me que eu era como uma crisálida recém saída do casulo, eu então comecei realmente a viver. Quando uma alma se sobressalta com os trovões da convicção e depois recebe o perdão em Cristo, começa a viver. O mundano diz que quer ver a vida, e portanto, se afun-

da no pecado! Néscio como é, junta-se ao sepulcro para descobrir a imortalidade. O homem que vive verdadeiramente é o crente. Hei de me tornar menos ativo por ser cristão? Nunca tal coisa aconteça! Serei menos diligente e encontrarei menos oportunidades para manifestações de minhas energias naturais e espirituais. Nunca tal coisa suceda! Se alguma vez um varão deve ser como uma espada demasiado afiada para a bainha com um fio que não pode ser embotado, deveria ser o cristão; ele deveria ser como chamas de fogo que queimam a seu passo. Vivam enquanto viverem. Não há que desperdiçar nem gastar mal o tempo. Vivam de tal maneira que demonstrem que vocês possuem a mais nobre forma de vida.

É claro também, que a nova vida que Cristo nos traz é uma vida de *abnegação*, pois agrega “*e vivo, já não eu*”. A humildade mental é parte e porção da piedade. Aquele que pode receber o reconhecimento para si mesmo não conhece o espírito de nossa santa fé. Quando o crente ora melhor, diz: “Sem dúvida, não eu, mas o Espírito de Deus intercedeu em mim”. Se ganhou almas para Cristo, diz: “Não eu; foi o Evangelho; o Senhor Jesus operou poderosamente em mim”. “*Não a nós, SENHOR Jeová, não a nós, mas a seu nome a glória*”. A humilhação de si mesmo é o espírito inato do filho de Deus verdadeiramente nascido de novo.

Ademais, a vida que Cristo gera em nós é uma vida de *uma ideia*. Está alma do crente governada por duas coisas? Não,

não conhece senão uma. Cristo vive em mim. Há dois residentes na alcova de minha alma? Não, a um Deus e Senhor sirvo. “*Cristo vive em mim*”. Um antigo teólogo desejava poder comer, beber e dormir vida eterna. Viva você assim! Ai! Eu lamento viver demasiado na velha vida, e que Jesus vive muito pouco em mim; mas se o cristão há de alcançar alguma vez a perfeição – e que Deus nos conceda que cada um de nós possa chegar tão perto como for possível disso ainda agora – descobrirá que o antigo: “eu vivo”, é reprimido, e a nova vida à semelhança de Cristo reina suprema. Cristo tem que ser o único pensamento, a única ideia, o único pensamento condutor na alma do crente. Quando se desperta na manhã, o crente saudável se pergunta: “Que posso fazer por Cristo?” Quando está realizando seu trabalho se pergunta: “Como servirei ao meu Senhor em todas as minhas ações?” Quando ganha dinheiro, se pergunta: “Como posso usar meus talentos em favor de Cristo?” Se adquire educação, a pergunta é: “Como posso inverter meu conhecimento em favor de Cristo?”.

Resumindo, o muito no pouco, o filho de Deus tem em seu interior a *vida de Cristo*; mas como descreverei isso? A vida de Cristo na terra foi o divino fundido com o humano; assim é a vida do cristão; há algo divino nela; é uma semente viva e incorruptível, que permanece para sempre. Somos feitos *partícipes da natureza divina, havendo escapado da corrupção que está no mundo graças à lascívia*; sem dúvida, nossa vida é uma vida plenamente humana. O cristão é um

homem entre os homens; em tudo o que exige valentia ele se esforça para se sobressair, no entanto, não é como os outros homens, pois tem uma natureza oculta que nenhum simples mundano entende. Visualizem a vida de Cristo na terra, amados, e isso é o que a vida de Deus em nós deveria ser, e o será na medida em que estejamos sujeitos ao poder do Espírito Santo.

Notem ainda, apegando-nos ao texto, que a vida que Deus opera em nós é ainda *a vida de um ser humano*. “*O que agora vivo na carne*”, diz o apóstolo. Estes monges e monjas que fogem do mundo por medo de que suas tentações os vençam, deveriam vencê-las, e os que ficam reclusos para buscar uma maior santidade são tão excelentes soldados como aqueles que se retiram para o acampamento por medo de serem derrotados. Que serviço podem prestar esses soldados na batalha ou essas pessoas na guerra da vida? Cristo não veio para que nos fizéssemos monges; Ele veio para que nos fizéssemos *homens*; Ele se *propôs* para que aprendêssemos como viver na carne. Não devemos renunciar ao trabalho nem à sociedade, nem renunciar à vida em nenhum reto sentido. “*O que agora vivo na carne*”, diz o apóstolo. Olhem para ele ocupado fazendo tendas. Como! Um apóstolo fazendo tendas? O que diriam vocês, irmãos, se o Arcebispo de Canterbury costurasse para ganhar seu sustento? É um ofício muito humilde para um bispo do Estado, certamente, mas não demasiadamente humilde para Paulo. Não creio que o Apóstolo tenha sido jamais mais apostólico que quan-

do recolhia ramas secas. Quando Paulo e seus acompanhantes naufragaram em Melita, o apóstolo era de maior serviço que todo o sínodo pan-anglicano com suas batinas de seda, pois ele se pôs a trabalhar como as outras pessoas para recolher combustível para o fogo, pois queria se esquentar como os demais, e então assumiu sua parte da tarefa. Da mesma maneira, vocês e eu deveríamos tomar nosso turno na roda. Não devemos pensar em nos manter afastados de nossos semelhantes como se nos degradássemos ao nos misturar com eles. O sal da terra deve ser bem misturado aos alimentos, e de igual maneira o cristão deve se misturar aos seus semelhantes, buscando seu bem para a edificação. Somos homens e fazemos tudo o que os homens podem fazer legitimamente; onde quer que eles forem, nós podemos ir. Nossa religião não nos faz nem mais nem menos humanos, ainda que nos coloque na família de Deus. Contudo, a vida cristã *é uma vida de fé*. “*O que agora vivo na carne, vivo na fé do Filho de Deus*”. A fé não é uma peça de decoração que deve ser colocada sobre as mesinhas da sala, ou um vestido que deve ser usado nos domingos; é um princípio de trabalho, que deve ser usado no estábulo e no campo, na oficina e na casa de cambio; é uma graça para a ama da casa e o servo; e para a Câmara dos Comuns e para a oficina mais pobre. “*O que agora vivo na carne, vivo na fé*”. Eu gostaria que o sapateiro crente remendasse sapatos religiosamente, e que o alfaiate confeccionasse trajes por fé, e eu gostaria que todo cristão vendesse e comprasse por fé. Qualquer ofício que for, a fé

deve ser incorporada em seus chamados cotidianos, e essa é unicamente a fé viva e verdadeira que passará na prova prática. Não devem se deter na porta da oficina, tirar seu casaco e dizer: “Até logo ao Cristianismo, até que feche o negócio de novo”. Isso é hipocrisia; mas a vida genuína de um cristão é a vida que vivemos *na carne pela fé no filho de Deus*.

Para concluir: a vida que provém da personalidade enraizada de Cristo e o crente é uma vida de perfeito amor. “*Ele se entregou por mim*”. Portanto, minha pergunta é: o que posso fazer por Ele? A nova vida é uma vida de *santa segurança*, pois, se Cristo me amou, quem poderia me destruir? É uma vida de *santa riqueza*, pois, se Cristo entregou Sua infinita pessoa por mim, de que posso precisar? É uma vida de *santo gozo*, pois, se Cristo é meu, tenho um poço de santo gozo dentro de minha alma. É *a vida do céu*, pois, se tenho a Cristo, tenho o que é a essência e a alma do céu.

Referi-me a mistérios dos quais alguns de vocês não entenderam sequer uma frase. Que Deus lhes dê entendimento para que possam conhecer a verdade. Mas se não a entenderam, deixem que este fato os convença: vocês não sabem a verdade porque não têm o Espírito de Deus, pois só a mente espiritual entende as coisas espirituais. Quando falamos da vida interior, parecemos, aos que não nos entendem, como os que dormem e sonham. Mas se me entendeu, crente, vá para casa e viva da verdade, pratique o que for praticável, alimente-se do que está cheio de sabor, regozije-se em Cris-

to Jesus, porque você é um com Ele, e então, em sua própria pessoa, ande e sirva ao seu Senhor com todo o esforço que lhe for possível e que o Senhor lhe envie Sua abundante bênção. Amém e amém.

**ORE PARA QUE O ESPÍRITO SANTO
USE ESSE SERMÃO PARA EDIFICAÇÃO DE
MUITOS E SALVAÇÃO DE PECADORES.**

Traduzido de

<http://www.spurgeon.com.mx/sermon781.pdf>

Todo direito de tradução protegido por lei internacional de domínio público e com permissão de Allan Roman do espanhol.

Sermão n° 781

Volume 13 do The Metropolitan Tabernacle Pulpit,

Tradução: Rachel Gondim

Revisão: Cibele Cardozo

Capa e Diagramação: Sálvio Bhering

Projeto Spurgeon

Proclamando a Cristo crucificado.

Projeto de tradução de sermões, devocionais e livros do pregador batista reformado Charles Haddon Spurgeon (1834-1892) para glória de Deus em Cristo Jesus, pelo poder do Espírito Santo, para edificação da Igreja e salvação e conversão de incrédulos de seus pecados.

Acesse em: www.projetospurgeon.com.br

@ProjetoSpurgeon

Você tem permissão de livre uso desse material, e é incentivado a distribuí-lo, desde que sem alteração do conteúdo, em parte ou em todo, em qualquer formato: em blogs e sites, ou distribuidores, pede-se somente que cite o site “Projeto Spurgeon” como fonte, bem como o link do site www.projetospurgeon.com.br. Caso você tenha encontrado esse arquivo em sites de downloads de livros, não se preocupe se é legal ou ilegal, nosso material é para livre uso para divulgação de Cristo e do Evangelho, por qualquer meio adquirido, exceto por venda. É vedada a venda desse material



**ESSE PROJETO É UMA REALIZAÇÃO
MINISTÉRIO CRISTO CRUCIFICADO**

<https://www.facebook.com/MinisterioCristoCrucificado>

Charles Haddon Spurgeon, comumente referido como C. H. Spurgeon (Kelvedon, Essex, 19 de junho de 1834 — Menton, 31 de janeiro de 1892), foi um pregador batista reformado britânico.

Converteu-se ao cristianismo em 6 de janeiro de 1850, aos quinze anos de idade. Aos dezesseis, pregou seu primeiro sermão; no ano seguinte tornou-se pastor de uma igreja batista em Waterbeach, Condado de Cambridgeshire (Inglaterra). Em 1854, Spurgeon, então com vinte anos, foi chamado para ser pastor na capela de New Park Street, Londres, que mais tarde viria a chamar-se Tabernáculo Metropolitano, transferindo-se para novo prédio.

Desde o início do ministério, seu talento para a exposição dos textos bíblicos foi considerado extraordinário. E sua excelência na pregação nas Escrituras Bíblicas lhe deram o título de *O Príncipe dos Pregadores* e *O Último dos Puritanos*.



Projeto
Spurgeon

Proclamando a CRISTO crucificado

